



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 23, v. 1
nov.-dez. 2025
p. 21-31

A autobiografia como espaço de elaboração do eu: a escrita de si, de Carolina Maria de Jesus

(*The autobiography as a space for the elaboration of the self: the self-writing of Carolina Maria de Jesus*)

(*La autobiografía como espacio para la elaboración del yo: la escritura de sí misma de Carolina Maria de Jesus*)

Ana Cristina Meneses de Sousa¹
Camilla Giovanna Alves do Nascimento²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo explorar a escrita autobiográfica, na qual a escrita de si se enquadra, como um instrumento que possibilita a elaboração e a permanência da identidade de um sujeito, munindo-se da produção elaborada pela autora negra Carolina Maria de Jesus. Em vista disso, para atingir o objetivo proposto, realizou-se uma análise exploratória em três livros da escritora: *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2014), *Meu sonho é escrever* (2018) e *Diário de Bitita* (1986). A fundamentação teórica deste estudo apoia-se em autores como Ângela de Castro Gomes (2004), Michel Foucault (1992) e Leonor Arfuch (2010). Dessa forma, como possíveis conclusões, citam-se: a utilização da escrita autobiográfica como um meio de criar rastros que possibilitam a permanência da consciência de si e as dissidências que a produção de Carolina de Jesus revela.

PALAVRAS-CHAVE: autobiografia; Carolina de Jesus; *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*; *Meu sonho é escrever*; *Diário de Bitita*.

Abstract: This article aims to explore autobiographical writing, in which self-writing is included, as a tool that enables the construction and permanence of a subject's identity, drawing on the work of the Black author Carolina Maria de Jesus. To achieve this objective, an exploratory analysis was conducted on three of her books: *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (2014), *Meu Sonho é Escrever* (2018), and *Diário de Bitita* (1986). The theoretical framework of this study is based on authors such as Ângela de Castro Gomes (2004), Michel Foucault (1992), and Leonor Arfuch (2010). As possible conclusions, the study highlights the use of autobiographical writing as a means of creating traces that ensure the continuity of self-awareness and the dissidences revealed in Carolina de Jesus's work.

Keywords: autobiography; Carolina de Jesus; self-writing; *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*; *Meu sonho é escrever*; *Diário de Bitita*.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo explorar la escritura autobiográfica, en la que se incluye la escritura de sí, como una herramienta que permite la construcción y la permanencia de la identidad de un sujeto, basándose en la obra de la autora negra Carolina Maria de Jesus. Para alcanzar este objetivo, se realizó un análisis exploratorio de tres de sus libros: *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (2014), *Meu Sonho é Escrever* (2018) y *Diário de Bitita* (1986). El marco teórico de este estudio se apoya en autores como Ângela de Castro Gomes (2004), Michel Foucault (1992) y Leonor Arfuch (2010). Como posibles conclusiones, el estudio destaca el uso de la escritura autobiográfica como un medio para crear rastros que aseguran la continuidad de la conciencia de sí y las disidencias que revela la producción de Carolina de Jesus.

Palabras clave: autobiografía; Carolina de Jesus; escritura del yo, *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*; *Meu sonho é escrever*; *Diário de Bitita*.

1 Professora do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Professora do Mestrado Interdisciplinar em Sociedade e Cultura (PPSC) da UESPI. Doutora em História na linha de pesquisa de Cultura e Memória pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Orienta pesquisas na área de História, Literatura e Intelectuais. E-mail: anacristina@cchl.uespi.br.

2 Graduada em História pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Ex-bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC/UESPI). Desenvolve pesquisas na área de História e Literatura, com foco nas obras da escritora Carolina Maria de Jesus, abordando temáticas relacionadas à decolonialidade e à escrita de si. E-mail: camillanascimento@aluno.uespi.br.



1 Biografia e trajetória literária: entre Bitita e Carolina Maria de Jesus

Duas coisas que eu venerava: a terra que duplicava e os livros, que esclareciam a minha mente e formavam o meu caráter.

Carolina de Jesus

Carolina Maria de Jesus foi uma autora negra natural de Sacramento, Minas Gerais, que nasceu por volta do dia 14 de março, em 1914³, no seio de uma família humilde. Em *Diário de Bitita* (1986), livro que reúne algumas memórias sobre a infância e a juventude da autora, ela relata que frequentou a escola por influência da patroa da sua mãe, dona Maria Leite, por cerca de dois anos. Em suas narrativas, Carolina de Jesus confidencia que, a princípio, não se interessou pelos estudos, sob a justificativa de que não precisava aprender a ler, em vista que, no campo, lugar onde ela e a família residiam, a leitura não era necessária. Contudo, pouco é comentado que a poesia, por exemplo, sempre fez parte da vida da autora por meio da tradição oral, repassada para ela através do seu avô (Ferreira, 2023, p.56).

Apesar da resistência ao ambiente escolar, com a insistência e o incentivo da sua professora, Lanita Salvina, ela aprendeu a ler e a escrever e a partir de então, a leitura passou a fazer parte do seu cotidiano⁴. É interessante pontuar que foi no ambiente escolar que ocorreu a separação entre Bitita, apelido familiar pelo qual a autora atendia, e Carolina Maria de Jesus, seu nome de batismo. Em uma ocasião, ao ser chamada, pela primeira vez, de Carolina Maria de Jesus por sua professora, a escritora diz ter ficado furiosa, mas esse momento marcou a divisão de dois instantes em sua trajetória de vida que podem ser personificados pelas figuras de Bitita, que não se interessava tanto pela leitura, e Carolina Maria de Jesus, que se interessava em grande medida.

Já na fase adulta, no dia 31 de janeiro de 1937, a autora saiu da sua cidade natal rumo a São Paulo em busca de melhores condições de vida. A esse respeito, ela comenta: “Eu ouvi dizer que lá em São Paulo todos arranjam serviço, que os pobres e os ricos se confundem nos trajes” (Jesus, 2018, p.66). Entretanto, a realidade encontrada por Carolina de Jesus em muito contrastava com a que ela havia imaginado, não demorou para que a autora percebesse que a cidade grande era um espaço de realização ilusória, em que o poder dos mais ricos prevalecia sobre os mais pobres.

3 Carolina Maria de Jesus, assim como outros sujeitos negros da sua época, só foi registrada tardiamente, então existem discussões acerca da data do seu nascimento. Contudo, a mais aceita e utilizada por pesquisadores é o dia 14 de março de 1914.

4 A resistência da autora ao ambiente escolar pode ser explicada pela sua familiaridade com a tradição oral.



Provavelmente, a primeira experiência da autora⁵ com a escrita literária se deu após a sua chegada ao Estado, ainda na década de 1930, por intermédio de um poema, quando trabalhava na Santa Casa e quis se despedir de uma das freiras. A partir dessa experiência, a vontade de escrever foi se intensificando em Carolina de Jesus e, aos poucos, ainda que sem entender ao certo como funcionava, ela adentrou no universo da escrita. (Ferreira, 2023. p.56-57).

Assim, é reforçado que, apesar de ser constantemente lembrada pela sua produção diarística, a autora nutria interesse por outros gêneros literários, como o poema. O não assentamento da escritora em um único modelo de composição escrita pode se dá por uma multiplicidade de fatores, dentre eles: a busca por um que mais se adequasse ao seu perfil, gosto pessoal ou por conflitos com os editores⁶.

Carolina de Jesus se tornou mundialmente conhecida após a publicação do seu primeiro livro, *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, em 1960, onde, em formato de diário, ela escreveu sobre a vida que possuía na favela. A autora residiu durante mais de uma década na favela do Canindé, em São Paulo, com os seus três filhos e, através dos seus textos, narrou sobre as dificuldades que encontrava para sobreviver, bem como sobre a solidão que enfrentava e a sua busca por um elo entre a sua subjetividade e o mundo.

Com isso, supõe-se que há uma diversidade de significações e funcionalidades para os textos carolinianos. Contudo, este estudo irá se concentrar na análise das produções da autora enquanto um instrumento que possibilita, com o auxílio de uma série de testes e exames de consciência⁷, a construção de uma identidade (permanência da consciência de si). Buscando também abordar, em alguns momentos, as dissidências que os seus textos revelam, sobretudo, no que se refere às questões que se relacionam com gênero, raça-cor e classe social.

5 Geralmente, as críticas direcionadas às produções da escritora vão desde questões relacionadas à língua, gramática e ortografia, até discussões em torno da autoria dos seus textos. Pensando nisso, antes de adentrar nas análises dos livros da autora, faz-se necessária a seguinte reflexão: O que é um autor? Segundo Michel Foucault, autor é uma função que cria regras para a formatação de outros textos, a partir disso, é possível refletir a escrita de Carolina de Jesus como inauguradora de uma nova tradição literária, que nasce a partir da perspectiva de quem está nas margens da sociedade. Para mais informações, ver: FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: MOTTA, Manoel Barros da. (org). *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264-299. [Ditos & Escritos III]

6 Em suas narrativas, Carolina de Jesus expressa a familiaridade com a poesia. Ainda que, desde o lançamento do seu primeiro livro, *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, em 1960, a produção diarística lhe tenha sido recomendada, sobretudo pelo jornalista Audálio Dantas. Não raramente, as elaborações da autora foram (são) reduzidas ao testemunho, as editoras só passaram a trabalhar os textos carolinianos com maior ênfase, de modo a considerar os seus poemas, prólogos e romances, a partir de 2014, no centenário de seu nascimento.

7 A escrita de si enquanto um instrumento que possibilita “exames de consciência” foi pensada por Michel Foucault em suas análises de cartas e cadernos antigos (*hypomnematas*). Ver: FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Tradução: Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. 4 ed. Rio de Janeiro: Vega, 1992. p. 129-160.



2 A produção autobiográfica como uma busca por si

“Assim, a prática do relato não somente fará viver dentro de nós as transformações de nossas personagens, mas também mobilizará uma experiência do pensamento pelo qual “nos exercitamos em habitar mundos estrangeiros a nós”.

Leonor Arfuch

Segundo Arfuch (2010, p. 111), as diferentes formas que fazem parte do espaço biográfico oferecem um ponto comum: elas contam, através de uma multiplicidade de modos, uma história ou uma experiência de vida. Assim, as experiências e as histórias de vida do sujeito abordado na produção biográfica são narradas a partir de uma série de mediações simbólicas e temporais das quais se relacionam: a política, a organização social e as especificidades que permeiam o ambiente no qual ela foi elaborada.

Dessa forma, é interessante ressaltar que dentro dos gêneros biográfico e autobiográfico, está inserida a escrita de si, ou escrita autorreferencial, cujo caráter se relaciona com o exercício da narração das vivências de um sujeito. Dito isso, a narrativa de si pode assumir um duplo papel no jogo narrativo, utilizando-se tanto da ficção quanto da história “real” ou vivida, para fornecer sentido para sua trama.

Nas literaturas ficcionais, facilmente as vivências do autor podem se con(fundir) com as da personagem, fenômeno que foi denominado por Conceição Evaristo de “escrevivência” e que evidencia o encontro entre as vozes do narrador e do sujeito narrado.

É importante pontuar que, mesmo nas narrativas que buscam se distanciar da interioridade, o fenômeno é observado, pois a separação entre sujeito e interioridade não é possível. Assim como não é possível se distanciar completamente da “inventividade” uma vez que, como diz Evaristo (2017, s/p): “Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção”. Em outras palavras, ao narrar a sua história, ainda que de maneira não intencional, o sujeito se utiliza da criatividade para traçar fios de conexão entre as suas memórias, buscando torná-las coerentes e coesas para quem lê.

Diante disso, cabe esclarecer que o espaço da escrita autobiográfica também pode ser utilizado como um lugar de construção da identidade de um sujeito, uma vez que ele possibilita a permanência de uma consciência de si. O filósofo Michel Foucault (1992) trabalhou esse tipo de escrita assimilando-a como uma espécie de adestramento de si, em vista que o registro escrito dá ao sujeito a oportunidade de se inventar e reinventar quantas vezes forem necessárias, tanto para si próprio, quanto para o outro.

Em *Meu sonho é escrever* (2018), é possível observar na escrita de Carolina de Jesus



os fenômenos discutidos por Conceição Evaristo e Michel Foucault. Na repartição intitulada “Humorismos”, o livro traz um texto que narra o encontro inusitado entre um homem negro e um grupo de indígenas. A autora escreve que os “índios” acreditavam que a cor preta era sujeira, então esfregaram o rapaz com uma pedra, em uma tentativa de clareá-lo, com isso, ele ficou em carne viva. Em vista disso, a autora acrescenta: “Ou de um jeito, ou de outro, o preto sempre encontra obstáculos na vida” (Jesus, 2018, p. 94).

Através do humor ácido, Carolina de Jesus narrava sobre as dificuldades que o negro encontrava na vida. Assim, por meio da história elaborada pela autora, o tempo da narrativa se con(funde) com o tempo vivido, possibilitando que as experiências da personagem se aproximem das vivenciadas pela escritora. Carolina de Jesus nasceu cerca de vinte e seis anos após a abolição da escravidão no Brasil e, até a sua morte, em 1977, o racismo foi um elemento de notável presença na sociedade brasileira, sendo, também, um assunto recorrente nas suas produções.

Em vista disso, ao escrever que os “índios” confundiram a cor do homem negro com sujeira, supõe-se que a autora esteja fazendo alusão à forma que o negro era visto na sua época. A palavra “sujeira”, na concepção popular, além de designar o que não está limpo, está ligada às questões que remetem ao caráter de um sujeito: desonestidade, impureza e deslealdade. Além do quê, o texto também leva o leitor a refletir sobre a aceitação do negro, pois, ao ser esfregado, a autora sugere que para o homem negro ser aceito socialmente ele precisa se “embranquecer”, se não no tom da pele, em comportamentos e/ou ações.

Assim, é pertinente dizer que, apesar de Carolina de Jesus perceber o preconceito ao longo da sua trajetória de vida, ela não aceitava que a sua cor fosse um obstáculo para a realização dos seus projetos, concepção que ela transpôs para os seus textos, buscando se afirmar enquanto mulher negra. Conforme se observa no trecho a seguir:

... Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiam-me:
— É pena você ser preta.
Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo do negro mais educado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta.
(Jesus, 2014, p. 64)

A experiência da autora enquanto mulher negra e periférica foi marcada por questões materiais e interpessoais que a colocavam em uma posição inferiorizada. Dessa forma, ainda que Carolina de Jesus se autoafirmasse negra, buscando destacar em sua escrita os aspectos que a faziam se orgulhar da própria cor, em determinados momentos, ela era colocada diante do preconceito de outras pessoas, a exemplo do fragmento destacado acima.



Ademais, a busca da escritora por uma identidade, além da negra, relacionava-se com o seu intelecto. Em suas produções, a autora procurou enfatizar a importância dos livros para a formação do caráter de um sujeito, atribuindo o seu aos livros que teve contato. Apesar de ter somente “dois anos de grupo escolar” (Jesus, 2014, p. 16), por conta própria, a autora se habituou a ler, fazendo da leitura algo inerente à sua personalidade. Vejamos:

Dei banho nas crianças e preparei para sair. Fui catar papel, mas estava indisposta. Vim embora porque o frio era demais. Quando cheguei em casa era 22,30. Liguei o rádio. Tomei banho. Esquentei a comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem. (Jesus, 2014, p. 24)

O devir da identidade é um trajeto sempre aberto à diferença e ele constantemente ressignifica as instâncias do autorreconhecimento (Arfuch, 2010, p. 126). Em outros termos, a escrita autobiográfica está reiteradamente se reafirmando e, por intermédio da repetição, o autor busca criar uma identidade para si, mas também para o outro. Dessa forma, quando Carolina de Jesus, repetidamente, coloca a leitura como algo que faz parte do seu cotidiano, ela busca confirmar a sua identidade enquanto leitora, como um “adestramento de si por si mesmo”. Observemos as considerações de Foucault (1992) acerca do assunto:

Nenhuma técnica, nenhuma aptidão profissional pode adquirir-se sem exercício; também não se pode aprender a arte de viver, a *tekne tou biou*, sem uma *akesis*, que é preciso entender como um adestramento de si por si mesmo: aí residia um dos princípios tradicionais aos quais, desde há muito, os Pitagóricos, os Socráticos, os Cínicos tinham dado grande importância. Parece não haver dúvida que, entre todas as formas que tomou este adestramento (e que comportava abstinências, memorizações, exames de consciência, meditações, silêncio e escuta de outro), a escrita — o fato de escrever para si e para outrem — só tardiamente tenha começado a desempenhar um papel considerável. (Foucault, 1992, p. 132)

Neste trecho é possível refletir sobre o papel que a escrita assume, ainda que tardiamente, na construção da identidade de um sujeito, considerando que ela fomenta a memorização e possibilita a permanência da consciência. A permanência da consciência é parte fundamental da construção do “eu”, pois, a partir dela, o sujeito transforma as verdades escritas em hábitos, como nos lembra Foucault ao discutir acerca das funcionalidades dos *hypomnematas*⁸, que também assumiam o papel de “adestradores”.

Adiante, observemos as considerações realizadas por Sousa (2018) no livro intitulado *Escrita de si, intelectualidade e distinção em A. Tito Filho acerca da escrita*:

A escrita constrói lugares de distinção que não são apenas representativos, mas também aqueles forjados pela própria inventividade. Ressalto, que o homem de letras não

8 *Ibid.* Segundo Michel Foucault, os *hypomnematas* podiam ser livros de contabilidade ou cadernos pessoais que serviam como agendas — costumavam ter citações, trechos de livros, exemplos de ações, etc. Geralmente, eram utilizados como guias de conduta.



somente dribla as dificuldades advindas do jogo triangular, ele mesmo reveste esse jogo em proveito próprio, no que diz respeito à tentativa de construção de uma trajetória de distinção entre os seus pares e leitores. (Sousa, 2018, p. 19-20)

A construção de Carolina de Jesus enquanto leitora e escritora negra pode ser analisada além das fronteiras do eu, uma vez que ela representa uma tentativa de construir uma trajetória de distinção, como colocado no fragmento acima. A autora se distinguiu dos seus pares por saber ler e escrever, ainda que a sua escrita tenha sido alvo de uma série de críticas relacionadas à gramática; além do quê, Carolina de Jesus também se destacou entre os leitores por apresentar ao país o Brasil que, além de invisibilizar pessoas da sua cor e classe social, poucos conheciam e muitos ignoravam, criando não somente um espaço de representação para si, mas, firmando-se nele por meio da sua escrita de si que, segundo o filósofo Michel Foucault (2006), é uma tentativa de organizar o caos existencial da vida.

3 Quando a identidade se desdobra em direção ao Outro

A identidade imobiliza o gesto de pensar, prestando homenagem a uma ordem. Pensar, pelo contrário, é passar; é questionar essa ordem, surpreender-se pelo fato de sua presença aí, indagar-se sobre o que tornou possível essa situação, procurar — ao percorrer suas paisagens — os vestígios dos movimentos que a formaram, além de descobrir nessas histórias, supostamente jacentes, “o modo como e até onde seria possível pensar diferente”.

Michel de Certeau

Partindo da ideia de que não existem sujeitos sem histórias, todos têm o que comunicar a respeito de si, revelando o seu íntimo: angústias, ódios e afetos. Assim, é importante pontuar que com Carolina de Jesus não foi diferente, através da sua vasta bibliografia é possível perceber as nuances que permeiam a sua existência, bem como as suas tentativas de criar uma identidade para si, não só enquanto sujeito, mas como cidadã brasileira.

Segundo Letícia da Silva e Maria de Castilho (2014), durante o período colonial brasileiro, o discurso ideológico propagado pela Igreja Católica exercia um forte controle social, sobretudo feminino. Dessa forma, o papel atribuído à mulher era restrito ao meio privado (lar), embora existissem exceções no tratamento das mulheres negras. Estas, segundo as autoras, desde a chegada dos negros escravizados no Brasil, entre os séculos XVI e XVII, sempre trabalharam no meio público até a exaustão e eram constantemente exploradas física e sexualmente.

A sociedade brasileira conservou durante muito tempo as velhas concepções que sustentavam as bases do colonialismo, às vezes com maior intensidade. Dito isso, Carolina de Jesus, apesar de ter nascido após a abolição da escravidão no Brasil, foi atingida pelas tentativas



de ter a sua identidade apagada, por ser negra e por ser mulher.

Diante disso, o processo de construção de identidade da autora vai ocorrer paralelamente à realização do seu projeto literário. Através das suas produções, Carolina de Jesus se reconheceu como cidadã brasileira e reivindicou um lugar de escuta para si. Ao abordar temáticas como: a posição do negro na sociedade, a visão que se tinha acerca da mulher e a forma com que as camadas mais pobres do país viviam, a autora (re)elaborou uma trama que cruzava o individual e o coletivo. Vejamos:

Observava as consequências de todos os atos que praticamos. Quando os negros bebiam, eu pensava: “Por que é só os pretos que bebem?” Mas os brancos bebiam dentro de suas casas. Se um branco cambaleava nas ruas diziam que era indisposição, mal-estar. Se um branco bebia nos bares era repreendido: — Você está imitando os negros? Arranjou um negro para ser seu professor? A única coisa que está ao alcance do negro para ele nos ensinar, é beber pinga. Na pinga eles são catedráticos. Quando havia um conflito, quem é preso era o negro. E muitas vezes o negro estava apenas olhando. Os soldados não podiam prender os brancos, então prendiam os pretos. Ter uma pele branca era um escudo, um salvo-conduto. (Jesus, 1986, n.p)

A visão alimentada acerca do negro o colocava constantemente na posição de suspeito. Dessa forma, a narrativa que a autora procurou elaborar, além de ter exposto de forma objetiva o racismo perpetrado no Brasil, questionou o lugar onde esses sujeitos foram colocados. Se ser branco era um escudo, ser negro era estar vulnerável e talvez essa vulnerabilidade proporcionava que muitos recorressem ao uso do álcool como mecanismo de sublimação.

Na condição de suspeito, só resta ao sujeito obedecer, então a sociedade esperou do negro uma submissão semelhante à dos homens e mulheres que foram escravizados no país. Contudo, ao entender sobre a própria vulnerabilidade, Carolina de Jesus realizou o movimento inverso e mostrou que era livre para escolher os próprios caminhos, criando a identidade de uma mulher cuja objetividade causou uma série de debates, mas que ao mesmo tempo contribuiu para que outros sujeitos saíssem do lugar de invisibilidade.

A identidade é a responsável pelo sentimento de pertencimento do sujeito, então a sua construção sempre estará atrelada a outras pessoas, com posições e vivências próximas. Além disso, cabe mencionar que a busca de Carolina de Jesus por uma identidade também pode estar ligada ao fato de ela se ver sozinha após chegar ao Estado de São Paulo, uma vez que, longe da família, a autora buscou estabelecer laços com as pessoas que cruzavam o seu caminho, mas também com as que ainda cruzariam, considerando as intenções da autora de publicar os seus livros.

Ao refletir sobre a imersão de Carolina de Jesus no meio literário é importante considerar as dificuldades por ela enfrentadas. O contexto de publicação do primeiro livro da autora, em



1960, estava inserido no período que ficou conhecido como “anos dourados” e a tradição literária da época era majoritariamente masculina, as revistas femininas que circulavam buscavam pregar o tradicionalismo e a permanência das mulheres no lar⁹.

Nesse sentido, a escrita produzida por Carolina de Jesus se absteve do compromisso de satisfazer os interesses até então vigentes, expondo a imagem de uma mulher que andava descalça pelas ruas de São Paulo. Através do olhar atento, a autora percebeu o lugar que a mulher ocupava dentro do casamento e tendo em vista o seu desejo de se tornar escritora, ela optou por não se casar, ainda que em determinados momentos buscasse o prazer e o afeto em figuras masculinas. Conforme os trechos exemplificam:

[...] O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com o lápis e papel debaixo do travesseiro.
(Jesus, 2014, p. 49)

... Quando ele passa uns dias sem vir aqui, eu fico lhe chingando. Falo: quando ele chegar eu quero expandir-lhe e lhe jogar água.
Quando ele chega fico sem ação.
Ele disse que quer casar-se comigo. Olho e penso: este homem não serve pra mim. Parece um ator que vai entrar em cena. Eu gosto de homens que pregam pregos, concertam algo em casa. Mas quando estou deitada com ele, acho que ele me serve. (Jesus, 2014, p. 136)

Ponderando que a autora não estava completamente imune às ideias que circulavam acerca da mulher na sua época, hora ou outra ela questionava a moral de outras mulheres da favela. Não raramente, Carolina de Jesus menciona passagens bíblicas em seus textos, trazendo à tona as relações conflitantes que ela própria tinha com a moralidade. A autora acreditava que a mulher deveria se resguardar, mas, ao mesmo tempo, acreditava que uma pessoa descomprometida tinha liberdade para gozar dos prazeres da vida sem isso afetar o seu caráter.

Diante disso, a imagem produzida por Carolina de Jesus em torno da mulher aponta a sua tentativa de caminhar rumo à emancipação feminina, reivindicando: o direito de viver sem um marido, de ter independência financeira e, principalmente, de poder viver a sua sexualidade de forma plena, ainda que, em alguns momentos, ela caísse nas amarras herdadas do período colonial, que buscavam exercer controle sobre o corpo feminino.

As questões trabalhadas pela autora em suas produções foram possibilitadas pelo olhar que ela voltou para si, ao se perceber como sujeito atuante na sociedade a qual pertencia, ela procurou reforçar para si mesma a sua concepção, memorizando-se como parte integrante da sociedade e construindo a sua identidade enquanto sujeito e cidadã brasileira. Além de “dar-se” a

9 Para mais informações sobre a posição que a mulher ocupava durante os anos dourados, ver: PINSKY, Carla. Mulheres dos anos dourados. São Paulo: Contexto, 2014.



ver como mulher, mostrando que poderia ter aspirações próprias, contribuindo para fomentar no público feminino o desejo de transcender o meio privado, pois existir implica em ser visto (dar-se a conhecer).

4 Considerações Finais

A escrita autobiográfica possibilita a elaboração de uma série de rastros que permite ao sujeito que escreve manter uma permanência da consciência de si. Dessa forma, a identidade é construída a partir de ações ou pensamentos que se repetem, os rastros escritos funcionam como um caminho que guia o sujeito rumo à saída do labirinto que ele mesmo abriga, permitindo a consulta ou a elaboração de trajetos menos tortuosos, rumo a si ou à sociedade.

Diante disso, cabe dizer que, a narrativa de Carolina de Jesus, em sua busca por uma identidade está em constante contato com o coletivo, com o social, o que pode ser compreendido, se levado em consideração que o sujeito está de alguma forma preso à moldura de uma época.

Assim, ao buscar uma identidade, procurando manter a permanência da consciência de si, o sujeito se desdobra em direção a uma multiplicidade de “eus”, que se mostra, mas que também se corrige, apontando que a construção de si não é um processo linear, mas um espaço que admite múltiplas formas de exames de consciência, para que outros sujeitos se estabeleçam em diálogos.

Considerando a dimensão do espólio deixado por Carolina de Jesus, a leitura dos seus textos fornece uma diversidade de identidades que foram construídas pela autora, que estão em constante contato com a sua busca por se estabelecer como cidadã brasileira enquanto mulher, negra e pobre. Sabendo que as reivindicações que surgem no decorrer de uma época estão ligadas ao conjunto de ideias vigentes no período, as produções da escritora esboçam as dissidências que envolvem a elite e as camadas mais pobres do país.

O sujeito que se coloca na sociedade está em constante “performance”, ele raramente dar-se a ver por completo. Assim, é preciso se atentar que, embora os textos autobiográficos sejam carregados de elementos que apontam para quem o sujeito de fato é, precisa-se considerar que o texto literário se configura como uma representação, ou seja, não tem compromisso fiel com a “realidade”.

É preciso, paralelamente à análise da trama desenvolvida pelo autor, cruzar as informações apresentadas com o contexto histórico ao qual ele se relaciona, objetivando não se perder nos encantos da ficcionalização da narrativa, pois, até nos relatos que buscam se distanciar da



“inventividade”, o autor se utiliza da criatividade para tecer relações entre as memórias que vão surgindo.

Nas produções de Carolina de Jesus, a deriva semântica assume um tom poético, o que fortalece a identidade da autora como amante da poesia, mas também coloca o leitor diante de uma série de encantamentos que o levam a acreditar no que foi apresentado como uma verdade pura e concreta, quando ela pode se desfazer na página seguinte, pois a autora está em constante análise e (re)invenção.

Referências

- ARFUCH, Leonor. A vida como narração. In: ARFUCH, Leonor. *O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 111-151.
- CERTEAU, Michel de. *História e Psicanálise: História e Ficção*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- CRISPIM, Amanda. A poética quilombola de Carolina Maria de Jesus. In: PEREIRA, Germana (Org.). *Carolina Maria de Jesus: uma questão autoral*. Campinas: Pontes Editores, 2023. p. 19-51.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Tradução: Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. 4 ed. Rio de Janeiro: Vega, 1992. p. 129-160.
- FOUCAULT, Michel. Ética, sexualidade e política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e Escritos; V).
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: MOTTA, Manoel Barros da. (org). *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264-299. [Ditos & Escritos III]
- GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 7-27.
- JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- JESUS, Carolina Maria de. *Meu sonho é escrever*. FERNANDEZ, Raffaella (org). São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.
- PINSKY, Carla. *Mulheres dos anos dourados*. São Paulo: Contexto, 2014.
- SOUSA, Ana Cristina de. *Escrita de si, intelectualidade e distinção em A. Tito Filho*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2018.

